A DIVERSIDADE DE PROCESSOS NOS CADERNOS DE CRIAÇÃO[1]

Laís Guaraldo[2]

Resumo

Esse artigo propõe uma reflexão sobre a utilização de cadernos nos processos criativos, e aponta a variedade de termos utilizados para fazer referência à natureza dos registros que são produzidos nesse tipo de documentação. Tal variedade de termos pode ser considerada indicadora da diversidade de funções exercidas por esses pequenos suportes. Destaca-se, nessa produção, a intenção de armazenamento, a natureza discreta, a presença constante de diálogos entre imagens e textos, o território para experimentação. Mas há também outros aspectos, que o presente artigo pretende explorar.

Palavras-chave: Cadernos de artista. Cadernos de criação. Processos de criação.

Abstract

This article proposes a reflection on the use of notebooks in the creative process, and highlights the variety of terms used to refer to the nature of the records that are produced in this type of documentation. This variety of terms can be considered indicative of the diversity of functions performed by these small holders. It is noteworthy, in this production, the intention of storage, the discrete nature, the constant presence of a dialogue between images and texts in the territory for experimentation. But there are also other aspects that this paper intends to explore.

Keywords: Artist books. Notebooks of creation. Creation processes.

> Quando o homem passou à utilização de peles de animais (finíssimas e maleáveis folhas obtidas após a secagem em chassis de madeira), nasceu o caderno, palavra derivada de “quaterni”, ou dobradura em quatro. A história pôde, a partir de então, ser contada em páginas, em capítulos. Ganhou-se um ritmo de leitura que não existia.
>
> Guto Lins

[1] Pesquisa apoiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.
[2] Pontifícia Universidade Católica – São Paulo.

Cadernos são grandes companheiros daqueles que desenvolvem qualquer tipo de atividade criativa. A diversidade de termos que fazem referência a esses pequenos suportes, como cadernos de viagem, de trabalho, de criação, cadernos gráficos, de artista, cadernos de rascunhos (sketchbooks), cadernos de idéias[3], são indicadores de sua diversidade funcional. Refletir a respeito da natureza e finalidade dos registros desse tipo de documentação é, portanto, o propósito desse artigo.

O que caracteriza um caderno é sua função de suporte para o registro verbal ou visual de informações. É folheável, discreto, de pequeno formato, e se fecha. Essa natureza introvertida, portátil e ágil dos registros feitos em cadernos é, provavelmente, aquilo que mais desperta a atenção e interesse entre aqueles que se dedicam a confeccionar um caderno ou pesquisá-lo. É considerado um "ateliê de bolso" pelos artistas, ou um companheiro, pelos viajantes, um suporte para anotações, para qualquer estudante ou profissional.

Iuri Lotman 4 (1978, p. 36) observa que nos "diários íntimos" o indivíduo é destinador e destinatário da informação, o que confere um aspecto temporal singular a essa auto-interlocução: "A informação não é transmitida no espaço, mas no tempo, e serve como meio de auto-organização da personalidade." Esse aspecto de ferramenta para auto-interlocução coloca em evidência a função mnemônica dos registros. A intenção de reviver e re-significar experiências sensíveis experimentadas acarreta medidas de armazenamento dessas experiências e os cadernos certamente desempenham esse papel.

Como expansão da intenção mnemônica, temos o caderno como banco de dados, dicionário de formas, armazenador de material bruto para posterior articulação. No *Caderno do Taiti*[5], que Gauguin realizou em sua primeira estadia na Polinésia (1891), as páginas são preenchidas com formas figurativas soltas, de animais, mulheres, árvores e cabanas. Essas mesmas figuras aparecem nas telas que o pintor realizou nesse período, em diferentes composições. Nesse caso, o caderno do Taiti desempenhou o papel de armazenador de signos para posteriormente serem articulados em diferentes

[3] Termo utilizado pelo poeta visual e professor Omar Khouri em sala de aula.
[4] Lotman, Iuri. *A Estrutura do Texto Artístico.* Lisboa: Editorial Estampa, 1978.
[5] DOURIVAL, Bernard. *Carnet de Tahiti.* Paris, Quatre Chemins, Editart.

composições, relacionadas ao projeto poético de Gauguin, de construção de um imaginário de paraíso.

E qual é a natureza desses dados que são armazenados? Uma vasta produção de cadernos é feita com anotações exclusivamente verbais ou exclusivamente visuais. No entanto, vale observar a frequência com que essas anotações transitam entre códigos. Pode-se encontrar, além de textos, diagramas, signos gráficos, fotografias, desenhos, colagens, números. O que se destaca, nessa produção, é a presença constante do diálogo entre a produção verbal e a produção imagética – que é o que caracteriza a linguagem gráfica.

Provavelmente atento para essa natureza híbrida dos registros, o artista e educador português Eduardo Salavisa criou um site chamado **Diário Gráfico** 6, expressão que merece reflexão. O termo "gráfico" é proveniente do grego grápho: escrever, inscrever. Sugere, portanto, ações como grafar, desenhar, e encontra-se na passagem entre a imagem e o texto, pois é na mão que traça que está a origem comum da escrita e do desenho. Esse aspecto da grafia, da anotação que passeia entre o texto verbal e o texto imagético (muitas vezes com a mesma caneta), pode ser considerado uma das características mais expressivas dos registros realizados e armazenados em cadernos.

A materialidade desses registros é variada. Há fotógrafos que desenham em cadernos, artistas plásticos que guardam fotografias e recortes de jornais. O que vale é a intenção de **armazenamento** de informações. Muitas vezes esse armazenamento de dados é bruto. Outras vezes, no próprio caderno, podemos encontrar registros que apontam para **projetos**, sistematizam alguma produção. Ou encontramos a produção da própria vida cotidiana, que se mistura ao projeto poético e invade com dados de agenda, números de telefone, contas a pagar. São registros que parecem dizer que a poesia não vive em estado puro e as certezas sensíveis às vezes precisam lutar por seu espaço num território cheio de preocupações pragmáticas.

---

[6] http://www.diariografico.com/ Salavisa apresenta o site como "um ponto de encontro de pessoas que desenham de uma maneira sistemática e quase obsessiva no seu quotidiano."

Diversas são as **circunstâncias** em que os cadernos são empregados. Em relação a isso, na década de 1990, o geneticista francês Pierre-Marc de Biasi[7], diferenciou o conceito de caderno de trabalho e caderno de viagem:

Cadernos de trabalho foram definidos pelo autor como um suporte, eventualmente transportado, onde são armazenadas e reagrupadas, sem atenção particular pela cronologia, informações para um trabalho preparatório (reflexões, observações, pesquisas, enquetes, etc). Funcionam como documentação provisória, e o que os caracteriza é uma certa vetorialidade, indissociável de um projeto. São o contrário dos cadernos nômades, anotados em estilo telegráfico e improvisado, pois são reservados a um registro domiciliar, na escrivaninha, no ateliê, ou no gabinete de trabalho.

Cadernos de viagem são definidos como uma espécie de diário, geralmente cronológico, a partir de uma experiência turística efêmera, onde o centro de gravidade reside a meio caminho entre o contingente da descoberta (o espetáculo do novo, experiência do viajante) e a lembrança da viagem e sua significação. A anotação de viagem está sempre diretamente relacionada com a exterioridade circunstancial e singular de uma situação que trata de algo memorável e pouco costumeiro [...] sua finalidade imediata é o prazer da descoberta e a mudança de hábito. (Biasi, 1990, p. 29)

Embora o discernimento das diferentes circunstâncias e diversidade de registros seja relevante para compreendermos a complexidade de suas funções, vale um alertar para a necessidade de cautela em relação às facilidades de categorias pré-definidas. Um exemplo disso é a associação entre a natureza nômade ou sedentária dos cadernos e a função dos registros – mnemônicos – no caso dos cadernos de viagem, ou projetivos – no caso dos cadernos de trabalho. Gauguin se estabeleceu no Taiti e realizou ali diferentes cadernos. Aquilo que num primeiro olhar pode parecer caderno de viagem também desempenha papel projetivo importante, uma vez que a viagem a um país de tradição diferente da européia fazia parte de seu projeto poético.

É comum vários cadernos serem utilizados ao mesmo tempo e um mesmo caderno ser utilizado em projetos diversos, o que certamente resultará em diferentes papéis num mesmo volume.

---

[7] BIASI, Pierre-Marc de. *La notion de Carnet de Travail – Le cas Flaubert.* Em HAY, Louis (org.). *Carnet d´Escrivant.* Paris, Editions du CNRS, 1990.

Se deslocarmos o enfoque de Biasi – que parte da relação do caderno com o **espaço** – para a relação do caderno com o seu **propósito**, podemos chamar esse tipo de documento como **"Caderno de Criação"** – termo suficientemente abrangente para abarcar a diversidade de circunstâncias que apontamos até aqui.

Também o termo **caderno de rascunhos** (sketchbook) é bastante utilizado e poderíamos dizer que faz referência a seu propósito - o que o torna um termo melhor que **caderno de artista**, que reforça a identidade do proprietário. Mas limita a ação criativa ao rascunhar e deixa de levar em conta o papel do caderno na elaboração e produção de projetos – tão em voga na arte contemporânea.

Cadernos são diferentes de **álbuns**, pois no primeiro caso o armazenamento de dados está em estado bruto. Já os álbuns pressupõem um planejamento editorial, mesmo que primário, com um nível de organização das informações articulado com algum propósito. Álbuns se aproximam dos livros de artista. É claro que o material proveniente de álbuns também tem valor para o pesquisador de processos criativos, pois a análise dos **critérios seletivos** por trás de qualquer edição fornece pistas significativas para o entendimento do projeto poético em questão.

Um caso de álbum que passa por caderno é o famoso *Noa Noa*[8], de Paul Gauguin. Feito na França (1892), com desenhos avulsos, selecionados e colados, em parceria com o poeta simbolista Charles Maurice, esse álbum tinha como objetivo reforçar a mística em torno da experiência supostamente idílica vivida por Gauguin nos trópicos. Trata-se de uma documentação muito diferente do "Caderno do Taiti", que armazena esboços de animais, plantas, mulheres e cabanas, fartamente utilizados nas composições das pinturas da primeira estadia de Gauguin no Taiti.

No entanto, há algo em comum entre o álbum e o caderno que é a encadernação. Mesmo que os registros tenham sido armazenados de modo aleatório, a seqüencia das páginas propõe uma ordem de leitura e um princípio

[8] GAUGUIN, Paul. *Noa Noa.* Paris, Thames and Huston, 1995.

de narrativa. Há a inexorável condução da ordem das páginas, que estabelece um ritmo e uma temporalidade.

Nesse processo de "auto-organização da personalidade" através de registros e necessidade de armazenamento e articulações de signos, o que fica evidente, ao longo da ocupação das páginas, são certas recorrências daquilo que por algum motivo foi escolhido ser registrado ou a abordagem como foi registrado (um tema, uma técnica, uma estratégia expressiva, uma sequência de ações, uma metodologia para recolher informações, uma preocupação formal ou social). Trata-se de um recorte diante do infinito da percepção, e a análise da seleção efetuada dá pistas para a compreensão de uma certa tendência (ainda que inconsciente). Para o próprio autor do caderno, rever suas páginas é uma oportunidade de tornar consciente essas recorrências, localizar sínteses expressivas ou um caminho ainda pouco trilhado, mas promissor. Cecília Salles, no livro "Gesto Inacabado[9]", propõe a expressão "**trajeto com tendência**" para se referir a esse misto de vagueza e intenção que é inerente ao trabalho artístico.

A análise dessas recorrências não pode deixar de levar em conta a poderosa atuação dos filtros culturais nas operações de percepção e seleção. Delacroix[10], ao registrar o Marrocos em seus cadernos (1832), selecionou as informações com os parâmetros de um enviado diplomático do governo francês empenhado na documentação de um mundo e de uma maneira de viver considerada "exótica" para um europeu, numa evidente experiência de estranhamento cultural[11].

É claro que a utilização de cadernos de criação não ocorre apenas entre artistas plásticos, uma vez que o registro sensível e perceptivo, o armazenamento de dados, a formulação e testagem de hipóteses e produção de projetos não é prerrogativa das artes plásticas. Cadernos também são utilizados por biólogos, antropólogos, designers, arquitetos.

O antropólogo português Manuel João Ramos utiliza o caderno portátil para realizar "apontamentos desenhados" para suas pesquisas, e disponibiliza

---

[9] SALLES, Cecília A. *Gesto Inacabado*. São Paulo, Anablume, 1999.
[10] DELACROIX, Eugene. *Lês Voyage au Marroc (fac-simile).* Paris, Ed. Sagittaire, 1992.
[11] GUARALDO, Laís. *A Percepção artística nos cadernos de viagem de Delacroix e Gauguin.* Dissertação de mestrado, PUCSP, 2007.

em seu blog acadêmico[12] (figura 1) um link para seus cadernos de viagem. Nesse blog, Ramos observa que viajar como desenhador não é diferente de viajar como antropólogo. “De um modo ou de outro, olho, interpreto, questiono, e desperto curiosidade”. E avalia a capacidade do desenho de ordenar as informações de maneira menos caótica que a fotografia.

Em relação à ordenação de informações, não vamos esquecer que cadernos não armazenam apenas desenhos e textos. Também a colagem é um procedimento recorrente na produção contemporânea, o que potencializa associações inusitadas. A cidade de São Paulo registrada por Carla Caffé[13] (Figura 2) é um exemplo de uma representação de cidade que se vale das diferentes camadas de sentido da colagem e de uma organização espacial estruturada de modo muito distinto da fotografia.

No início desse artigo ressaltamos o aspecto discreto e íntimo dos cadernos e é evidente que essa privacidade e descompromisso com o espaço público é importante para a experimentação e o risco. No entanto, os cadernos de Delacroix são muito mais discretos em relação à exposição de sentimentos do que as suas cartas – o que nos leva à hipótese de que provavelmente não havia, na expedição, garantia de privacidade dos registros.

No entanto, nem só de privacidade vivem os aficcionados por cadernos. É curioso notar que com o advento da internet diversos adeptos de cadernos vêm publicando páginas, em blogs coletivos (como o já citado *Diário Gráfico*) ou individuais (como o *Cadernos da Beá*[14]). A exposição de páginas de cadernos coloca em evidência a riqueza plástica e gráfica desse tipo de produção. Mas deve ser levado em conta que a escolha de páginas avulsas isola a página de seu contexto e lhe retira o aspecto relacional e até rítmico, se levarmos em consideração a sequência de páginas. Embora sejam páginas de cadernos, o que fica em evidência, nesses casos, é o aspecto da página como *port folio*, editadas como um **álbum**.

Merece particular atenção o blog “Urban Sketchers - Portugal”[15] (Figura 3) – definido como “um coletivo de autores portugueses que desenham em diários

[12] http://iscte.pt/~mjsr/html/Desenhos.htm
[13] CAFFÉ, Carla. Av. Paulista. São Paulo, CosacNaify, 2009.
[14] http://cadernosdabea.blogspot.com/
[15] http://urbansketchers-portugal.blogspot.com/

gráficos as cidades onde vivem, os sítios por onde viajam. Encontram-se para desenhar de vez em quando e respondem a desafios lançados no blog".

O blog, nesse caso, não apenas dá visibilidade de port folio às páginas avulsas dos cadernos do coletivo, como ações em torno dos cadernos. Trata-se aqui de um interessante caso de ação coletiva de uma prática considerada introvertida e solitária. O blog explica: "Pensamos que o Diário Gráfico melhora a nossa observação, faz-nos desenhar mais e o compromisso de colaborar num blogue ainda mais acentua esse fato. A única condição para colaborar neste blogue é usar como suporte um caderno, bloco ou objecto semelhante: o Diário Gráfico".

Cadernos nem sempre estão associado a viagens a novos territórios e organização de um projeto artístico. O *Diário de Frida Kahlo* (figura 4)[16], realizado entre 1944-54, apresenta páginas produzidas no hospital e registra a sua dor e a notícia da amputação de sua perna. Vemos ali uma expressão crua, o desenho rápido, o registro de uma emoção, independentemente de projetos estéticos futuros. O caderno, nesse caso, é registro de emoção em estado bruto. Armazena dados, entre eles, um auto- retrato com a indicação do futuro corte da perna, em cores berrantes. O caderno de Frida Kahlo mostra o que talvez seja a principal função de um caderno: estar próximo à vida, companheiro cotidiano, e daí proporcionar um território de possibilidade de armazenamento de estados brutos de sensibilidade e elaboração da subjetividade.

O professor da FAU-USP Flávio Motta quando fala a respeito da expressão do desenho, entre aqueles que com ele compartilham desse valor, usa a expressão "quando você tem uma certeza sensível...". Tal expressão pode desencadear profunda auto-avaliação. Será que temos alguma certeza a respeito de nossas "certezas sensíveis"? Cadernos são, sem dúvida, colaboradores e ferramentas para a elaboração da frágil arquitetura das certezas. O maior legado desse pequeno objeto é o fato de proporcionar um território de experimentação, quase sempre livre de controles, para propósitos sensíveis.

[16] KAHLO, Frida. *O diário de Frida Kahlo:* um auto-retrato íntimo. Rio de Janeiro, José Olympio, 1996.

Imagens - **A diversidade de processos nos cadernos de criação**

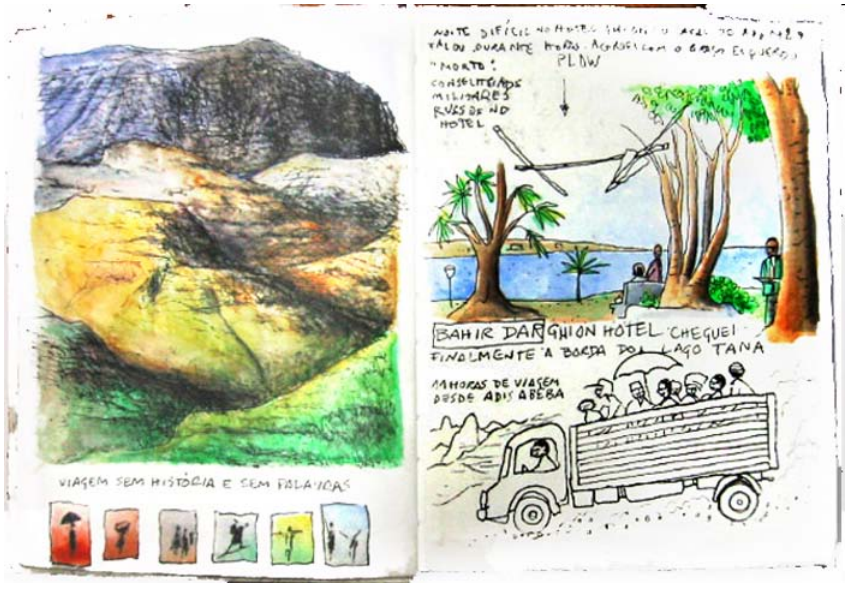

Figura 1 - Diário de Viagem de Manuel João Ramos à Etiópia. 2000.

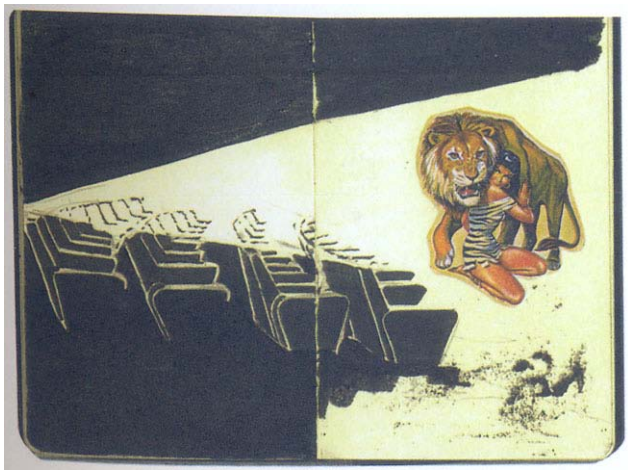

Figura 2 - Carla Caffé – AV. Paulista

Figura 3 - blog “Urban Sketchers - Portugal

Figura 4 - Diário de Frida Kahlo – notícia de amputamento da perna.